

## MÃES DE CRIANÇAS SURDAS E CONCEPÇÕES DE SURDEZ: PROPOSTA DE UMA ANÁLISE REFLEXIVA

Joani de Mélo Muniz

Universidade Federal da Paraíba

joanidemelo@gmail.com

### Resumen

Este artículo forma parte de las producciones elaboradas a la luz de las discusiones académicas del grupo de investigación registrado en el CNPq, llamado "La inclusión y la Otredad", coordinado por la profesora y investigadora sobre la Sordera Doziart Ana Barbosa de Melo. Consiste en un análisis de la concepción de las madres con niños sordos sobre la sordera relacionando con el tipo de lenguaje utilizado por la madre y el niño. Nos pautamos en la idea presentada por Godfeld (1997) que señaló que entre los niños sordos, el 90% tiene padres oyentes, y sin embargo, son a menudo las madres que conocen la Libras y se comunican mejor con sus hijos (OLIVEIRA et al. 2004). Entrevistamos a diez madres (oyentes) de niños sordos matriculados en una escuela pública en João Pessoa. Procedió a un análisis de contenido en las categorías "concepción de la sordera". En el análisis que mostró que la mayoría de las madres no tienen una comprensión clara del concepto de sordera, pero es posible ver la transformación de una percepción clínico-terapéutico para una percepción social-antropológica. Con esto llegamos a la conclusión con la idea de que tenemos que hacer uso de la alteridad, ya que esto nos llevará a reflexionar sobre la concepción de la sordera que creemos, así como nos ayudará a comprender como nos relacionamos con la persona sorda.

**Palabras clave:** Las madres de los sordos. Concepción de la sordera. Alteridad.



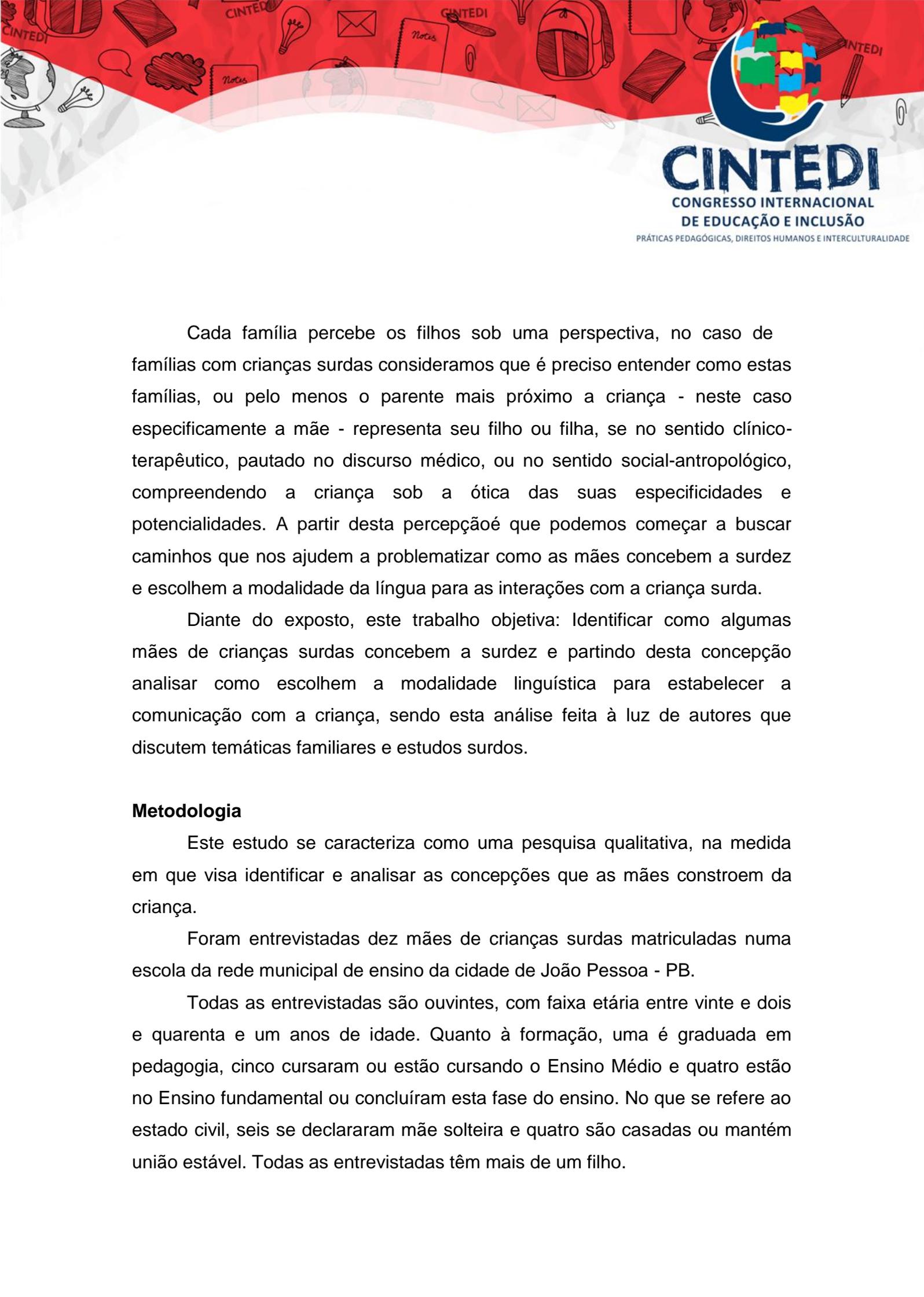
## **Introdução**

São muitos os estudos sobre surdez, mas, ainda são poucos os achados científicos que abordem de forma mais concisa a relação familiar entre surdos e ouvintes, sendo estes quase sempre embasados em discursos clínico-terapêuticos, tratando a surdez como uma deficiência que precisa ser corrigida. Neste sentido, o estudo proposto pretende apresentar algumas considerações sobre como mães de surdos concebem a surdez e escolhem a modalidade lingüística para a comunicação com seus filhos e filhas.

Segundo Godfeld (1997) mais de 90% dos surdos tem família ouvinte, e a ausência de experiência com perda de audição faz com que esses pais enfrentem vários obstáculos em relação ao desenvolvimento dessa criança, sendo um deles a dificuldade de comunicação. Os pais são fortemente influenciados pela informação recebida, especialmente no período que se segue ao diagnóstico da perda de audição.

Nas famílias com crianças surdas, inúmeras são as tentativas de comunicação, por meio da língua oral, nem sempre existindo disponibilidade para o aprendizado e ensino da Língua de Sinais. Quando esse processo ocorre, não é por todos os membros da família, geralmente são as mães que conhecem a LIBRAS e se comunicam melhor com seus filhos (OLIVEIRA et al., 2004).

Nessa perspectiva, Knobel (1992), ao refletir sobre a família, observa que a mesma, ao interagir com os filhos, ajudará a formar a personalidade, determinando aí suas características sociais. A família não atua só no amparo emocional, físico e social, mas, principalmente tem a responsabilidade de escolha sobre o que proporcionará melhor qualidade de vida para a criança.



Cada família percebe os filhos sob uma perspectiva, no caso de famílias com crianças surdas consideramos que é preciso entender como estas famílias, ou pelo menos o parente mais próximo a criança - neste caso especificamente a mãe - representa seu filho ou filha, se no sentido clínico-terapêutico, pautado no discurso médico, ou no sentido social-antropológico, compreendendo a criança sob a ótica das suas especificidades e potencialidades. A partir desta percepção é que podemos começar a buscar caminhos que nos ajudem a problematizar como as mães concebem a surdez e escolhem a modalidade da língua para as interações com a criança surda.

Diante do exposto, este trabalho objetiva: Identificar como algumas mães de crianças surdas concebem a surdez e partindo desta concepção analisar como escolhem a modalidade linguística para estabelecer a comunicação com a criança, sendo esta análise feita à luz de autores que discutem temáticas familiares e estudos surdos.

## **Metodologia**

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, na medida em que visa identificar e analisar as concepções que as mães constroem da criança.

Foram entrevistadas dez mães de crianças surdas matriculadas numa escola da rede municipal de ensino da cidade de João Pessoa - PB.

Todas as entrevistadas são ouvintes, com faixa etária entre vinte e dois e quarenta e um anos de idade. Quanto à formação, uma é graduada em pedagogia, cinco cursaram ou estão cursando o Ensino Médio e quatro estão no Ensino fundamental ou concluíram esta fase do ensino. No que se refere ao estado civil, seis se declararam mãe solteira e quatro são casadas ou mantêm união estável. Todas as entrevistadas têm mais de um filho.



## PROCEDIMENTOS

No que se refere aos procedimentos, à escola na qual as crianças surdas estão matriculadas foi à via de acesso até as mães. Diante disto, elaboramos um roteiro de entrevista semi estruturado e de cunho qualitativo, que se edificaram a partir da interação entre pesquisadora, entrevistadas e as informações obtidas durante o processo. Fizemos uso de um gravador de voz, a fim de abstrair todas as informações de forma significativa e eficaz. As entrevistas foram feitas por meio de duas idas às residências das mães.

Após as entrevistas realizadas, estas foram transcritas e categorizada, visando alcançar os objetivos traçados.

## ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas foram analisadas a luz das discussões feitas pelo do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq intitulado “Inclusão e Alteridade”, que no corrente ano tem direcionado suas pesquisas a fim de embasar e justificar a criação de uma Unidade de Educação Infantil para Surdos – UEIS no município de João Pessoa, este grupo coordenado pela professora e autora de estudos sobre surdez Ana Dorziat Barbosa de Mélo, da Universidade Federal da Paraíba- UFPB.

Os dados foram analisados sob o respaldo da análise de conteúdo:

A análise de conteúdo visa verificar hipóteses e ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto. (MINAYO, 2010).



As categorias empreendidas foram concepção de surdez e escolha da modalidade da língua. Procedeu-se à análise dos dados de cada mãe em cada categoria, para depois agrupar os dados das dez mães nas categorias, estabelecendo as relações entre elas. As mães são tratadas como M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7, M8, M9 e M10.

## **Análise e resultados**

### **CONCEPÇÃO DE SURDEZ**

A intenção é possibilitar ao leitor uma articulação da concepção de surdez e da pessoa surda. Vale ressaltar que não podemos afirmar que as mães tenham conhecimento sobre as diferentes concepções atribuídas a surdez, de forma que estas foram depreendidas por meio das entrevistas, tendo assim a modelação de idéias que identificamos como concepção clínico-terapêutica ou sócio-antropológica.

Analisando sobre como as mães pensam a surdez, as mães (M1, M2, M5, M7, M8 e M10), revelam considerar a surdez uma deficiência.

*“Vejo a deficiência da surdez como algo que impede o meu filho de se desenvolver melhor, de avançar nos estudos... acredito que a cirurgia pra colocar o aparelho pode ajudar o meu filho” (M5).*

Nesta afirmativa a M5 concorda com a concepção clínico-terapêutica da surdez, na medida em que atribui ao uso do aparelho uma possível melhoria no processo de aprendizagem do filho.

A entrevistada M8 aponta de maneira clara considerar a filha surda como alguém que foge dos padrões da normalidade, como observamos em sua fala:

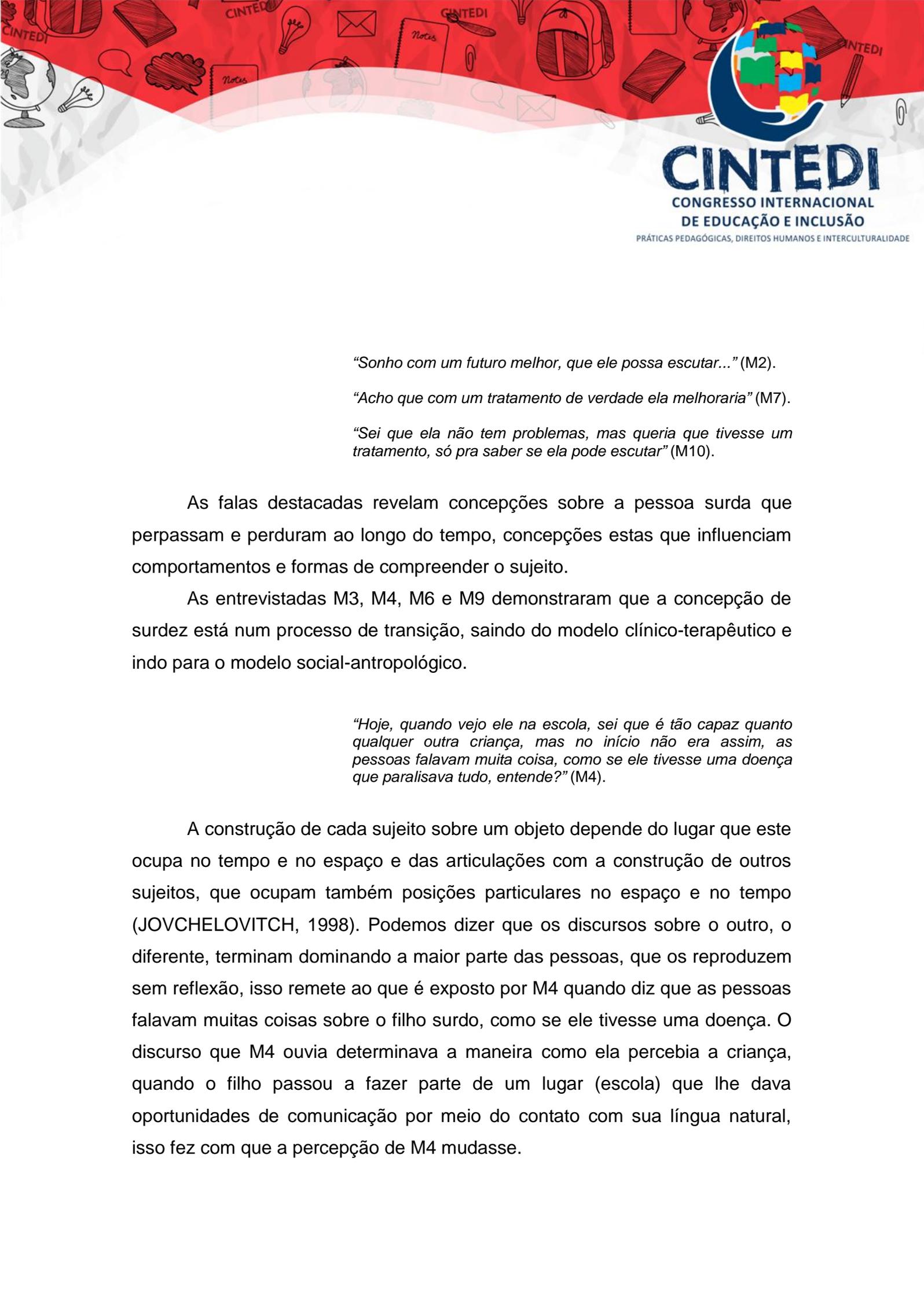
*“Eu acho a... muito esperta, ela é bastante atenta e gosta de brincar, se você não souber que é surda, vê ela como uma criança normal, que não tem nenhum problema” (M8).*

Quando M8 aponta a filha como uma criança aparentemente normal ela não só concorda com a concepção clínica, mas também afirma algo já posto por Dorziat (*apud* SKLIAR, 2009) quando diz que “a forma normativa está enraizada no pensar agir das pessoas”, descobrindo um pré-conceito enraizado que geralmente é escondido por meio de discursos que buscam padronizar ou desconsideram as peculiaridades dos sujeitos.

*“Ele tem várias dificuldades... eu acredito que se eu tivesse condições de investir no tratamento dele ele escutaria...tem muita gente que coloca o aparelho e fica bom” (M1).*

A mãe M1 não descarta a idéia de uma correção, de uma cura, que é atribuída à intervenção médica. Esse discurso conversa com as considerações trazidas por Contini (2002), no livro *Adolescência e psicologia – concepções, práticas e reflexões críticas*, quando coloca que “o melhor enfrentamento das limitações da deficiência do filho está intimamente ligado às possibilidades econômicas da família”, vale salientar que esta afirmativa caminha no sentido das discussões clínicas.

As mães M2, M7 e M10 coadunam com a idéia da correção maneira menos explícita, o que parece revelar um preconceito embutido em torno da surdez, estigmatizando a criança surda sempre como alguém que precisa de correções para ser vista como normal. Destacamos destas mães frases como:



*“Sonho com um futuro melhor, que ele possa escutar...” (M2).*

*“Acho que com um tratamento de verdade ela melhoraria” (M7).*

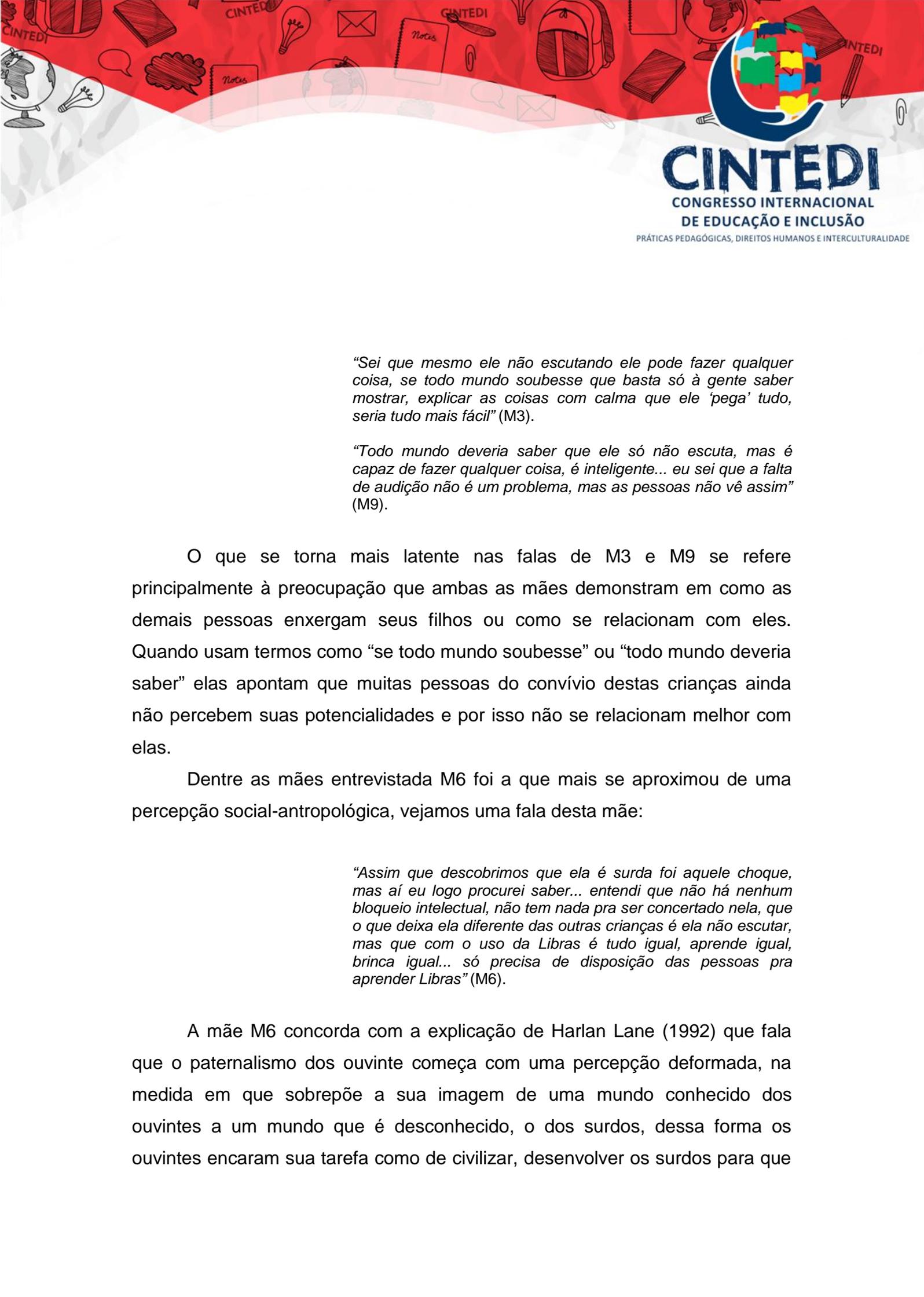
*“Sei que ela não tem problemas, mas queria que tivesse um tratamento, só pra saber se ela pode escutar” (M10).*

As falas destacadas revelam concepções sobre a pessoa surda que perpassam e perduram ao longo do tempo, concepções estas que influenciam comportamentos e formas de compreender o sujeito.

As entrevistadas M3, M4, M6 e M9 demonstraram que a concepção de surdez está num processo de transição, saindo do modelo clínico-terapêutico e indo para o modelo social-antropológico.

*“Hoje, quando vejo ele na escola, sei que é tão capaz quanto qualquer outra criança, mas no início não era assim, as pessoas falavam muita coisa, como se ele tivesse uma doença que paralisava tudo, entende?” (M4).*

A construção de cada sujeito sobre um objeto depende do lugar que este ocupa no tempo e no espaço e das articulações com a construção de outros sujeitos, que ocupam também posições particulares no espaço e no tempo (JOVCHELOVITCH, 1998). Podemos dizer que os discursos sobre o outro, o diferente, terminam dominando a maior parte das pessoas, que os reproduzem sem reflexão, isso remete ao que é exposto por M4 quando diz que as pessoas falavam muitas coisas sobre o filho surdo, como se ele tivesse uma doença. O discurso que M4 ouvia determinava a maneira como ela percebia a criança, quando o filho passou a fazer parte de um lugar (escola) que lhe dava oportunidades de comunicação por meio do contato com sua língua natural, isso fez com que a percepção de M4 mudasse.



*“Sei que mesmo ele não escutando ele pode fazer qualquer coisa, se todo mundo soubesse que basta só à gente saber mostrar, explicar as coisas com calma que ele ‘pega’ tudo, seria tudo mais fácil” (M3).*

*“Todo mundo deveria saber que ele só não escuta, mas é capaz de fazer qualquer coisa, é inteligente... eu sei que a falta de audição não é um problema, mas as pessoas não vê assim” (M9).*

O que se torna mais latente nas falas de M3 e M9 se refere principalmente à preocupação que ambas as mães demonstram em como as demais pessoas enxergam seus filhos ou como se relacionam com eles. Quando usam termos como “se todo mundo soubesse” ou “todo mundo deveria saber” elas apontam que muitas pessoas do convívio destas crianças ainda não percebem suas potencialidades e por isso não se relacionam melhor com elas.

Dentre as mães entrevistada M6 foi a que mais se aproximou de uma percepção social-antropológica, vejamos uma fala desta mãe:

*“Assim que descobrimos que ela é surda foi aquele choque, mas aí eu logo procurei saber... entendi que não há nenhum bloqueio intelectual, não tem nada pra ser concertado nela, que o que deixa ela diferente das outras crianças é ela não escutar, mas que com o uso da Libras é tudo igual, aprende igual, brinca igual... só precisa de disposição das pessoas pra aprender Libras” (M6).*

A mãe M6 concorda com a explicação de Harlan Lane (1992) que fala que o paternalismo dos ouvintes começa com uma percepção deformada, na medida em que sobrepõe a sua imagem de um mundo conhecido dos ouvintes a um mundo que é desconhecido, o dos surdos, dessa forma os ouvintes encaram sua tarefa como de civilizar, desenvolver os surdos para que



vivam em sociedade, sendo assim o paternalismo dos ouvintes não consegue perceber a estrutura e os valores dos surdos desprezando ou descartando sua língua.

### **Considerações longe de serem finais**

O que fica evidente é que as mães criam expectativas dos seus filhos baseadas em modelos considerados ideais, modelos ouvintes, sendo assim desejam que eles se enquadrem nos padrões da normalidade.

Quando as crianças passam a fazer parte de ambientes onde o uso da Libras acontece, que no caso analisado se configura na escola, as mães vivenciam uma mudança quanto ao que era considerado normal ou não, como bem coloca Jim Kyle (*apud* SKLIAR, 2009) ao dizer que isso leva há um estágio de dissonância, os pais descobrem que a criança é “normal” no ambiente da língua de sinais.

Influenciadas por discursos médicos, as mães desejam que as crianças escutem, pois acreditam que ouvindo elas desenvolverão a fala e serão aceitos no mundo ouvinte, participando assim do modelo ideal. Esta afirmativa remete-nos à Skliar (1997), quando fala que a “cura” está relacionada ao aprendizado da língua oral, subentendendo que quanto melhor desenvolver a fala, mais eficaz terá sido o processo de reabilitação da criança surda.

Concluimos ressaltando que é notória a mudança de percepção, o discurso médico passa a ser deixado de lado quando o contato com pessoas que fazem uso da Libras é estabelecido, o que nos leva a refletir que o quanto mais cedo este for proporcionado, maior o leque de possibilidade para melhor interação entre ouvintes e surdos. É preciso fazer uso da alteridade.

## REFERÊNCIAS

CONTINI, Maria. L. **Adolescência e psicologia** – concepções, práticas e reflexões críticas. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2002, p. 20

DORZIAT, Ana. Bilingüismo e surdez: para além de uma visão lingüística e metodológica. In: SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos: processos e projetos pedagógicos**. Porto Alegre: Mediação, 2009, cap. 2, p. 28-30.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997, p. 83.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Re(des)cobrando o outro. In: ARRUDA, Angela. **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998, p 104.

KNOBEL, Maurício. **Orientação familiar**. Campinas: Papyrus, 1992, p. 133.

KYLE, Jim. O ambiente bilíngüe: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilingüismo para os surdos. In: SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos: processos e projetos pedagógicos**. Porto Alegre: Mediação, 2009, cap. 1, p. 24.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget. 1992, p. 69.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et all. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 74.

OLIVEIRA, Rejane. G. A experiência de famílias no convívio com a criança surda. **Rev. Acta Scientiarum**, Maringá, 2004, v. 26, n. 1, p. 183-191.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, Carlos. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997, cap. 3, p. 105-153.